

UNIVERSIDADE POPULAR MARANHENSE

ORMA
869.09
P341 L

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

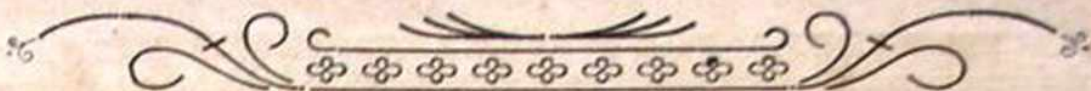
A Literatura Portuguesa na Idade Média

ORMA
869.09
PAX
LIT


Conferencia realizada por Fran. Texeira,
na Universidade Popular Maranhense, no
dia 16 de dezembro de 1909.



MARANHÃO
Imprensa Oficial
1909



A Literatura Portuguesa na Idade Média



(13.^a Conferencia)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO MARANHÃO
ESTADO DO MARANHÃO

Tempo enovelado em trevas, como quizeram, por longo espaço, que fosse o medieval, só no século XIX principiou a ser estudado,—nas suas crenças, nos seus costumes, na sua literatura, nos seus governos. Augusto Comte, com uma colossal pujança de sistematizador, é que norteou os historiadores e os filósofos sobre o critério com que devia encarar se essa éra agitada, prenunciadora de uma revolução radical, no sentir e nas idéas.

A base da sociedade que se preparava cimentava-se nos jorros de sangue derramados pelas discordias. As contendas religiosas, embatendo povo contra povo, os prelios políticos, subjugando os baronetes feudais, para entronizar potestades hereditarias, as lutas intestinas, acezas pelas rivalidades territoriais, o degladiamento do Papado e da Realeza, pretendendo ambos o exercicio

duplo do poder espiritual e temporal, tudo isto, despertando odios implacaveis, amontoando vitimas infinitas, concorreu para o aperfeiçoamento cauto da etica e da mentalidade sociais.

As pesquisas levadas a cabo nos ultimos cincoenta anos trouxeram á tona provas concludentes. Póde julgar-se agora a outra luz, com a documentação carreada para a publicidade, essa epoca tão contraditoriamente examinada pela critica e pelos publicistas. A historia literaria, escorçada por Sainte Beuve e teorizada por Taine, é prezentemente um dos maiores auxiliares da Sociolojia. As suas investigações, em especial na parte aluziva aos seculos medievos, são soberbas de ensinamento. Os cancioneiros e romanceiros populares, fornecendo o fio condutor das rebuscas, isto é, revelando-nos as fontes tradicionais das literaturas, contribuíram em larga escala para o ajuizamento das manifestações da imaginativa e do raciocinio da humanidade.

Saiu do prelo, em abril do ano fluente, o primeiro tómo da *Recapitulação da Historia da Literatura Portuguesa*, de Teofilo Braga, o preeminente pensador. A *Historia* integral alonga-se a trinta e quatro livros, alguns de cêrca de noventa pajinas. Esse primeiro tómo da *Recapitulação* abranje a *Epoca Medieval*, que na *Historia* literaria completa se compõe de quatro volumes—*Os trovadores portugueses*, *O Amadis de Gaula*, *Os poetas palacianos*, *Os Historiadores Portuguezes*. A materia destas obras, e da *Introdução e Teoria da Historia da Literatura Portuguesa*, está doutamente compendiada nas quinhentas e dezenove paginas que acabo de ler, com a ansia do estudioso, envolvido numa

veneração ilimitada e num culto crescente pela grandeza intelectual do Mestre.

Esta epoca reparte-se em dois periodos—o primeiro, com as fazes da escola trobadoresca e dos *laïs* do *Amadis*, vai de 1192 a 1385, e o segundo, com as fazes dos poetas palacianos e dos cronistas, estende-se de 1385 a 1495,—ano da morte de João II, o gigantesco aplanador do Portugal Maior.

Teofilo, ao abrir o seu luminoso rezumo, afirma:—
«Tão importante è a historia dos descobrimentos maritimos dos portuguezes como a da sua literatura; este poder de ação e de criação estetica explica o fenomeno sociologico da sua autonomia politica, através das crises das nações peninsulares, das conflagrações europeas e do empirismo boçal dos seus proprios governantes.—O povo portuguez, cuja raça foi caracterizada, por Frederico Edwards e Deniker, como das mais puras da Europa, e cuja nacionalidade Pi y Margall apontou como a de mais lojica formação, entre os varios Estados peninsulares, conserva as suas tradições poeticas com uma inteireza arcaica, destacando-se, entre o folklore ocidental, pela sua riqueza e vitalidade, como observou Jeanroy. Com estes elementos fundamentais ou organicos, a elaboração da literatura portugueza é o produto do *etos* da raça, do sentimento da nacionalidade e da consciencia historica, acompanhando solidariamente a evolução estetica das literaturas romanicas, na Idade Média, na Renascença e na epoca do Romantismo, seguindo a ação hejemonica de cada uma delas, e por seu turno influenciando tambem na criação da novéla de cavalaria e na corrente do Humanismo. O estudo historico dêste

produto superior do jénio portuguez, acompanhando-o nas suas relações com as literaturas modernas, através dos movimentos sociais e políticos da península íspanica, presta-se á applicação de processos criticos, que só podem realizar-se compreendendo a psychologia colectiva e o ponto de vista sociologico». (*Recap.*, pags. 1 2).

E' habito glorificar-se, hoje em dia, o predomínio material e a força intelectual dos anglo-saxonios. Verifica-se, no entanto, olhando para o passado, que aos gaulezes e aos gregos é que se deve a civilização hodierna. Aquelles nada mais fizeram do que apossar-se do que estes, com lúcida intelligencia e culminante esforço, haviam adquirido.

«A hejemonia da França, na Idade Média, é uma expansão da cultura do jénio gaulez, que, desde o IV seculo, antes da nossa éra, se revelara pelos estudos cosmograficos de Pitéas e Eutímenes, de Marselha, e de Erastótenes, da Narboneza, de que tanto se aproveitaram Strabão e os jeografos gregos. Esse mesmo jénio gaulez atuou no norte da Italia sobre Roma, pelo grande numero dos seus poetas, historiadores nascidos na Galia Cizalpina, contrabalançando-se com a influencia do meio-dia ou da Grande Grecia. Cezar foi discipulo do gaulez Gnifon, Cicero foi dirijido pelo gaulez Roscio, Tacito discipulo de Marcus Apes. Foram gaulezes os criadores do teatro romano; e, desde que a Galia foi reduzida a provincia de Roma, um novo esplendor se reflete nos produtos do seu jénio. Junto de Trajano e de Adriano era exercida a influencia da cultura gauleza por Favorinus e junto de Marco Aurelio por Frontonio. Esses filozofos, politicos e oradores, pela sua moral, encontram-se com os estoicos e

preparam, pelo contáto com o jenio grego, o estabelecimento de uma nova sociedade religioza, em que a confraternidade gauleza se tornaria em breve o fóco do cristianismo. São das Galias os grandes padres da igreja, como Sto. Irineu, Sto. Ambrozio, Sto. Hilario, S. Martinho, S. Paulino, Sulpicio Severo, Sto. Honorato e Vicente de Lerins. E' em volta de Carlos Magno que se reúnem os claros espiritos dedicados ao renascimento literario, historico e filozofico, como Alcuino, Walfried Strabo, Raban Maur, S. Prudencio, Hincmar, João Scot. A cultura grega, cujo centro fóra Marselha, e a cultura romana, mantida em Toloza e em quase toda a Galia meridional, integradas pelo jenio gaulez, além das condições mezolojicas, deram á França,—já incorporado o elemento barbaro—, a missão civilizadora hejemonica sobre todos os povos da Idade Média. Pela rejão da Aquitânia, propagava-se á Italia e á Espanha a poezia trobadoresca da Provença, que encontrava as mesmas tradições precelticas e os mesmos estimulos de contáto com os arabes. Pela fuzão com o elemento franco, tinha a França as condições para influir diretamente sobre as raças jermanicas da Inglaterra, pelos normandos, e da Alemanha, pela comunicação das canções liricas, da propagação das suas Universidades, dos seus dogmas teolojicos e doutrinas politicas.—Como a nacionalidade franceza foi a primeira que se formou, assim mais cedo se criou a sua literatura, vindo a ser imitada por todos os outros povos da Europa. Dizia Martin de Carrale, em 1275, justificando-se de escrever a historia de Veneza em francez :—*«Parce que la langue française cort parmi le monde,*

*et est la delitable à lire et à oïr que nulle autre». Desde a Idade Média até ao nosso seculo, a hejemonia da França foi reconhecida pelos mais elevados espiritos, como Dante e Brunetto Latini e Aldobrandini de Sena. —Esta fuzão de raças reproduz os seus caratères nas criações do espirito: o elemento *galo-romano* da França meridional, depois da primeira cruzada, desenvolve os jermens tradicionais do seu lirismo, das alvoradas, das serenadas, das tenções, dos *puy* ou ajuntamentos poeticos, nas canções escritas dos trovadores ocitanicos, que se propagam e são imitadas no norte da França, na Italia, Portugal e Espanha, na Alemanha, onde aparecem os *minnesingers*, reproduzindo todos os artificios da *gaia ciencia*. O elemento *galo franco*, que apoiou a unificação nacional da França, desde Carlos Magno até Joana d'Arc, idealizou o grande tipo imperial nas epopéas ou *jestas* carlinjias e na luta dos poderosos vassallos feudais contra a unificação monarquica. E' extraordinaria e verdadeiramente assombroza a difusão desta efflorescencia épica: na Alemanha do seculo XII é traduzida a jesta de *Roland* e reelaborada, no principio do seculo XIII, por Striker; Aliscans é imitado por Wolfram d'Eschenbach, com o titulo de *Wilhelalm*. Na Neerlandia são conhecidas as jestas de *Roncesvaux*, *Guitechin*, *Floovant*, *Ogier*, *Renaud*, *Aiol* e os *Lorrains*. Na Escandinavia a compilação do *Karlamagna-Saga* abranje o *Couronement de Charles*, *Doon de la Roche*, *Ogier*, *Aspremont*, *Otinél*, *Roncesvaux*, *Moniage Guillaume*. Na Inglaterra são conhecidos *Fierabraz* (*Sir Ferumbras*), *Otinél*. Na Italia, como escreve Léon Gauthier:—«*Roland*, *Ogier* e *Renaud* acham uma segunda patria. Na rejião lombarda,*

veneziana, é que esta feliz popularidade teve começo, e jograis francezes aí primeiro os cantaram». Nos *Reali di Francia*, de Andréa de Barberini, se condensaram *Fioravante*, *Beuves de Hanstonne*, *Enfances de Charlemagne* e de *Roland*. Sobre este ciclo galo franco trabalharam, dando-lhe fôrma artistica, Pulci, Boiardo e Ariosto, fazendo a tranzição para a epopéa historica. Na Espanha foram conhecidos—a jesta de *Gerars de Viane*, unica de que ficou manuscrito, *Fierabras*, *Historia de Carlos Magno e de los Pares de Francia*. Em Portugal conheceram-se a jesta de *Roland*, os *Doze Pares* e a jesta de *Jean de Lanson*, e muitos dos tēmas carlinjios entraram na elaboraçāo dos romances populares. O elemento galo-bretão propaga os poemas de amor e de aventuras, da *Tavola Redonda*, do *Santo Graal*, de *Tristão e Iseult*, de *Flôres e Brancaflôr*, de *Percival*, de *Lancelot do Lago*, de *Merlin*, simpaticos a todos os povos do norte a sul e até ao Oriente, confundindo-se com o espirito messianico da cavalaria celeste e sustentando-se no gôsto, através da Renascença, nas novelas de cavalaria, escritas na proza das cronicas nacionais. O elemento latino e eclesiastico presta á literatura franceza as interessantes lendas ajiologicas, os poemas de *Troie, la grant*, de *Alexandre*; as cançôis latinas dos escolares e goliardos, os *fabliaux* e as novelas de zenvôltas, as *soties* e farças, em que se elabora o teatro moderno. A cultura classica é recebida em Pariz e Toloza, para onde converjem os principais espiritos, como Dante, Brunetto Latini, Bocacio, Petrarca, nessas Universidades mãis, onde os alunos se agrupam por naçôis.— Sem conhecer estes aspētos fundamentais da literatura franceza não poderão ser bem apreciadas as literaturas romanicas.

quanto ao desdobramento similar das suas origens. Póde-se dizer que, até ao fim do século XV, a literatura franceza, na evolução organica dos seus elementos tradicionais, nas formas lirica, épica e dramatica, exerceu uma incomparavel ação hejemonica». (*Recapitulação*, pajs. 120-125).

O formidavel exejeta d'*As Lendas Cristãs* trata após da vida literaria da Italia, da Espanha e de Portugal, na Idade Média, bosquejando os preludios da Renascença, no *seculo aureo*, e entrando no esboço das epocas historicas da literatura portugueza, caraterizando o estádio inaugural, que é o que nos interessa agora. No primeiro periodo—«predomina o lirismo trobadoresco em todas as côrtes europeas, e essa corrente propaga-se a Portugal, primeiramente acordando os latentes jermens populares, depois pelas relações da côrte portugueza com a de Leão, á qual converjiam os trovadores italianos, como Sordelo e Bonifacio Calvo, referidos e imitados nos nossos cancioneros, e por fim, pela emigração de alguns fidalgos portuguezes, que acompanharam D. Afonso III, quando conde de Bolonha, durante a sua permanencia na côrte de S. Luiz, que era então o meio ativo da imitação da poezia provençalesca, modificada pelo norte da França.—Uma faze nova de desenvolvimento lirico começa com o rei D. Diniz, que imita diretamente a poetica prevençal, elaborando, ao mesmo tempo, as formas tradicionais populares dos *Cantares de amigo*, das *Serranas* e *Dizeres galezianos*. Por ultimo, a poezia provençalesca decái do gosto da côrte, sendo preferidos os *laïs* bretõis, que, pelo seu desenvolvimento narrativo, levaram á criação da novela em proza do *Amadis de Gaula*. Os *laïs* narrativos

tinham dado tema aos poemas galo-bretões de *Tristão* e de *Flôres e Brancaflôr*, muito lidos na cõrte portugueza, que também influía na cõrte castelhana de Afonso XI, depois da batalha do Salado. — Na grande época da primeira Renascença, refletiu-se em Portugal a cultura das Escolas de Pariz, onde iam estudar os conegos de Santa Cruz de Coimbra. Figuram nessa época os grandes luminares Pedro Hispano, cujas *Sumulas lojicas* dominaram até ao seculo XVI, em todas as escólas da Europa; o místico Santo Antonio de Pádua e frei Jil de Santarem, que, antes de entrar na ordem dominicana, se entregou aos estudos medicos. A cultura latina coadjuva o desenvolvimento da independencia do poder real; cria-se a Universidade de Lisbõa-Coimbra, e a lingua portugueza, que se mostra, na sua beleza, nas narrativas epizodicas dos nobiliarios, enriquece-se, por um grande numero de traduções do latim da Biblia dos santos padres e dos moralistas».

No segundo período—« não se continúa o desenvolvimento da poezia provençal, como succedeu na Italia com Petrarca, e na Espanha, já secundariamente, por Micer Imperial. Quando, sob a rejencia do infante D. Pedro, se reconciliam as cõrtes de Portugal e Castela, o lirismo castelhano da escola de Juan de Mena é imitado pelo proprio D. Pedro, por seu filho, o condestavel de Portugal, e em Portugal são imitadas e por vezes traduzidas as poezias do arcipreste de Hita, do marquez de Santillana, de Jorge Manrique e de Hernan Perez de Gusman, predominando essa fascinação do *castelhanismo* no *Cancioneiro Jeral* de Garcia de Rezende. A influencia galo-bretã manifesta se, ainda, na predileção das novelas da

Tavola Redonda, na *Demanda do Santo Graal*, no *Joseph aq Arimatêa* e em outras, que o rei D. Duarte colijira na sua magnifica biblioteca. A preferencia pelas obras da antiguidade classica já se revela em obras compiladas ou traduzidas de livros latinos, como Sêneca, Tito Livio, também colijidas na biblioteca do rei D. Duarte. A Historia recebe a sua fôrma literaria, sob o influxo do poder real, nos cronistas Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara e Rui de Pina, através das tentativas da redação latina definitiva da historia nacional. Introduz-se a imprensa: a mocidade portugueza vai á Italia frequentar as escolas dos humanistas da Renascença. Começa a Era dos grandes Descobrimentos». (*Recap.*, pajs. 139-142).

Teofilo, encetando a critica minudente da tão deturpada epoca medieva, ocupa se da predominancia do sul da França,—«que deveu á liberdade democratica do municipalismo a conservação das suas tradições e o vigor da sua cultura». Informa que os cantos gaulezes eram exclusivamente orais, porque uma proibição religioza os impedira de ser escritos. Apodavam os bardos de histriões e jograis, depreciando-lhes a qualidade espontanea de menestreis.

Lêem-se, em seguimento, estas passajens eruditissimas:—«A escola trobadoresca mais brilhante foi a de Tolosa, entre a Gasconha e o Auvergne, o fóco mais antigo e natural da poezia meridional, como observou Fortoul, notando que a Provença, entre o Ródano e os Alpes, foi a escola menos fecunda e menos celebre. O titulo de poezia provençal tornou-se, pela sua extrema jeneralidade, uma designação falsa, apesar do brilhantismo das suas

côrtes aristocráticas. A poesia trobadoresca teve diferentes focos, ou centros de cultura: no fim do século XI, Poitou, Saintonge e Guienne, em que a nobreza, após Guilherme de Poitiers, cultivava a canção do amor; no começo do século XII é o foco da Gasconha e Auvergne, em que o gosto popular aparece, simultaneo com o entusiasmo da nobreza; em que Cercamons, Marcabrus e Peire de Valeira revelam a dependencia da tradição poetica e Pierre de Auvergne a preocupação literaria; entre a zona oriental e a ocidental, ha o foco do Limousin, Périgord e Quercy, em que o povo e a burguezia rivalizam com a nobreza, na arte e espirito; e, abaixo destes limites, nas margens esquerda e direita do Ródano, a Provença e o Languedoc (Tolosa e Montpellier). Pela determinação destes focos é que se caracterizam as correntes do lirismo, como as migrações dos trovadores, levando para as diversas côrtes o interesse ou a moda do *gai saber*. (*Recap.*, pajs. 164).

E proseguindo, em doutissimas deduições, chega a estes assertos:—«Como foi, pois, que o lirismo trobadoresco portuguez se propagou inicialmente a todas as côrtes peninsulares, como afirmou, na sua celebre carta, o marquez de Santillana? Este facto, que só modernamente se explica, dá uma feição excecional e unica á Escola trobadoresca portugueza. Ela estabeleceu se fóra de toda a influencia, direta ou immediata, dos trovadores ocitânicos. Os modernos estudos sobre a literatura portugueza levaram á concluzão de que se não descobrira prova manifesta de qualquer trovador, mesmo dos que frequentaram as côrtes de Leão, Aragão e Castela, vizitarem a corte de

Portugal. Determinada a época em que floresceu a poesia trobadoresca do meio dia da França, o lirismo português foi sincronico, desenvolvendo-se sobre os elementos tradicionais populares, quando a vida nova da nacionalidade, que se afirmava autónoma, se expandia, por essa energia organica e profunda». — «Este carater de injenuidade popular proveiu de uma existencia propria e não de uma imitação servil. O lirismo trobadoresco português serviu-se de uma lingua nacional, que tornou Portugal o Poitou das côrtes peninsulares, e exprimiu sentimentos do ethos luzo, que não se confundem com os que se repetem nas canções dos provençais». (*Recapit.*, pajs. 167 169).

Afonso Henriques (1109 1185), o alicerçador da monarquia portuguesa, consumiu cerca de sessenta anos em pelejas contra os sarracenos. E, embora os vates o concitassem á batalha, em canções ardentes, o sobressalto em que se andava não permitia vagares descuidozos. Em 1146, quando o rei se consorciou com a princeza Mahaut (Mafalda, de Saboia e Mauriana), iniciou-se um estreito convívio com o jenero poetico trobadoresco. Guimarães, nesse momento rezidencia da còrte, converte-se em lugar de reunião dos próceres ou fidalgos e dos bispos. «A vida burgueza vivifica a canção tradicional, que acompanha os bailes de terreiro e as romarias distantes. O carater burguez dos trovadores ocitânicos ajuda-nos a compreender esta expansão do lirismo. Ondas de poesia brotaram dêste centro, que encantava os fidalgos, os quais não hesitavam em tomar conhecimento dela e exhibi-la nas côrtes de Leão, Aragão e Castela. A Galiza estava então decaída da sua autonomia, escravizada na incorporação

leoneza, e afastada das relações de Portugal, desde as lutas contra D. Tereza e os fidalgos galegos. Era uma efflorescência inteiramente portugueza». — «A Galiza, apesar dos seus antecedentes ethnicos persistentes e das tradições lyricas populares orais, pouco podia influir na expansão e florescimento do lirismo galecio portuguez. Pouco durou a sua independencia, como condado livre, em 863, sendo, com a consequencia do espirito unitarista da reconquista cristã, anexada a Leão, em 885; não lhe valeu a resistencia de vinte e cinco anos, para recuperar a autonomia, caindo outra vez, nessa unificação forçada, em 981; e, sob a acção imperialista de Afonso VI, foi incorporada para sempre a Castela, em 1073. E, á medida que a Galiza foi perdendo o espirito da liberdade e a esperanza da independencia, a sua lingua foi abandonada pelas pessoas cultas, mantendo-se no simples uzo popular, numa atrasada rusticidade, tornando-se, porisso, muito raros os seus monumentos escritos ou literarios. — Nesta situação miseranda, que influencia poderia exercer a Galiza nesse fenomeno brilhante do aparecimento do lirismo peninsular, que irradiou do norte da Espanha, da região galecio portugueza? Nenhumas». (*Recap.*, págs. 173 a 176).

Milá y Fontanals, no volume respeitante a *Os trovadores em Espanha*, julgou as composições da escola trobadoresca portugueza naturais, afetivas, de estilo simples, mas monotonas, apesar de atraentes. Teofilo, transcrevendo a asseveração de Fontanals, anota: — «Essa simplicidade natural e aparente monotonia é uma característica do genio portuguez, uma das suas feições inconfundiveis, tão difficilmente apreendidas pelos estrangeiros, ao primeiro

encontro. Sobre este fundo organico e preexistente é que a escola trobadoresca portugueza evoluciona, em um periodo que vai de Sancho I até D. Pedro I, representadas pelas fórmulas do seu lirismo as tres nacionalidades ispanicas: a Asturo-Galecio Portugueza, tendo como chefe o rei D. Diniz, a Catalana-Aragoneza, com Jaime I, e a Castelhana, com Afonso, o *sabio*. Foi neste concurso do genio estetico que competiu a Portugal a reconhecida hejemonia». (*Recap.*, pajs. 181).

Estranhar-se-á que tivessem triunfado, em camadas cortezanescas, as rudimentares canções da plebe, rechazando as idealizações faticias e impondo-se aos fazedores de alegorias insulsas. «Pelo conhecimento do meio *courtois*, nas suas relações com as côrtes peninsulares, não só pelos cazamentos reais, mas ainda pelos conflitos, que forçaram muitos fidalgos de Portugal a exilar-se nessas côrtes, é que se póde compreender este fenomeno excecional: a orijinalidade da escola trobadoresca portugueza e esse outro facto extraordinario de ser a lingua portugueza a preferida, nas côrtes da Peninsula, para a expressão do nascente lirismo». (*Recap.*, pags. 181-82).

A escola trobadoresca, com as modificações por que passou e á vista dos documentos literarios cronologicamente enfeixados, parte-se nestas fazes, segundo o sapiente consenso do eminentissimo critico:—«*Ciclo pre-afonsino* (1185 a 1248), que abranje os tres reinados de D. Sancho I, D. Afonso II e D. Sancho II; *ciclo afonsino* (1248 a 1279), em que, durante o reinado de D. Afonso III, a poezia lirica é cultivada principalmente pelos fidalgos que estiveram com ele na côrte franceza; *ciclo dionizio* (1279 a

1385), em que o rei D. Diniz, como o mais fecundo e mais talentoso trovador português, cultiva e protege a lirica artistica e, ao mesmo tempo, os que conservam a simpatia pelas cantigas populares; *ciclo dionizio* (1325 a 1357) em que as canções provençalescas são substituídas pela imitação dos *lais* bretões, que, tornando-se narrativos, determinam a forma da novela». (*Recap.*, pajs. 182).

Detalha, em seguida, com o severo metodo que prezida a todas as suas obras, os conspétos primordiais dos diferentes nucleos de trovadores, acima enumerados, apresentando o quadro social do segundo, terceiro e quarto reinados portugueses. D. Urraca, filha de Afonso Henriques, contraí esponsais com Fernando II, rei de Leão, do qual se divorcia, por exigência do papa. Deste casamento houve Afonso V, pai de Fernando III, o *santo*, que juntou a corôa de Castela á de Leão. Os nobres luzitanos, pela intimidade com a côrte de Leão, puderam apreciar de perto os troveiros provençais. «Sob a impressão dos cantores de Hugo de San Cyr, Guilherme de Adhemar, Elias Cairel, Beltran de Almanon, Sordelo de Mantua, Azemar, o negro, e do grande mestre dos trovadores Girand de Borneil, os trovadores portugueses adaptaram a lingua nacional á expressão do sentimento amoroso, na sua forma metrica, vindo assim a tornar a lingua portugueza exclusiva da nova poetica nas côrtes peninsulares». (*Recap.*, pajs. 183-84).

Sancho I cazou com D. Dulce, ou Aldonça, irmã de Ramon Beranger; D. Berenguela, outra irmã deste, alia-se conjugalmente a Afonso VII. Foi esta rainha quem instilou na côrte castelhana a civilização da Provença. Os

menestreis Rambaud de Vaqueiras e Bonifacio Calvo versejaram no idioma luzonio. Sancho I dedilhou igualmente a lira. Teceu um *Cantar de amigo*, que se vê no Cancioneiro Colocci-Brancuti, n.º 45. É, de todos os cantares dessa remota idade, o mais antigo. Dos seus amores com a Ribeirinha nasceram Jil Sanches e Rodrigo Sanches, que não se esqueceram de trovar um pouco. Jil era clérigo e cohabitava com D. Maria Gomes de Souza, uma das *Netas do Conde*,—o mais rico homem de Portugal. Essas *netas* conheciam-se pelas troças que os cantadores faziam aos seus transvios, ratificados pelos nobiliarios e por alguns trechos do Cancioneiro da Ajuda. De tais *netas* uma, D. Tereza Jil, foi favorita de *Sancho, o bravo*, filho de Afonso, *o sabio*, e outra, D. Elvira Anes, rouçou a o infanção-trovador Rui Gomes de Briteiros.

«A morte de D. Sancho I veio dar largas ás malevolências contra os seus bastardos e anarquizar a còrte de D. Afonso II, que não se prestava a cumprir o testamento do pai, surjindo a luta armada dos partidarios das suas irmãs. D. Afonso II herdou também as dificuldades da corôa com a curia romana e, pelo desenvolvimento que deu ás povoações, concedendo-lhes forais, vê-se que não firmava a sua soberania na confiança da nobreza. O seu curto reinado deixou de pé todos os conflitos, que pezaram cruamente no seu sucessor D. Sancho II». (*Recap.*, pajs. 198).

Este dinasta imbuiu-se de pendores pelas couzas de Castela, unindo-se maritalmente a D. Mecia, filha do potentado biscainho D. Lopo Dias de Haro, válido do rei castelhano. As varias fações dos fidalgos, pescando nas

aguas turvas de uma situação anormal, provocaram a Lide do Porto, em 1245. Dêste combate rezultou o exôdo, para a côrte pariziense de Branca de Castela, dos destroçados. Os trovistas do ciclo pre-afonsino, que poetaram da ultima dècada do seculo XII até 1245, encontram-se no Cancioneiro da Ajuda, suprindo-se, pelo Cancioneiro Colocci-Brancuti, os trovadores que ocupavam as folhas perdidas do códice membranaceo. (Carolina Michaelis, *Canc. da Aj.*, II, 322). Vinte e dois bardos fizeram o encanto das côrtes de Guimarães, Coimbra e Santarem, e entuziasmaram, com a sua emoção, os cortezãos radiozos de Leão, Aragão e Castela, ombreando com os poetas mais aplaudidos da Italia e da Provença. O idioma portuguez tinha a primazia, —a adeção dos troveiros e dos prozadores, por se definir com um cunho particular.

D. Afonso, irmão de D. Sancho II, auzentou-se de Portugal, quando se cazou sua irmã D. Leonor com o principe Valdemar da Inglaterra, em 1229. Aproveitou o ensejo para se demorar na côrte de S. Luiz, na qual Branca de Castela, sua tia, dez empenhava o cargo de rejente. Ao redor da rainha viuva, muito joven e formosa, ferviam os enredos, a intrigalhada. D. Branca promove o matrimonio do principe D. Afonso com sua sobrinha Matilde, a viuva condessa de Boulogne. Os fidalgos rompem então contra o monarca reinante, amargurando a lua de mel do irmão. Os bispos recorreram ao papa, tramando a depozição de D. Sancho II, e os batidos homiziam-se na França, onde se insinuaram no animo de D. Afonso. Este parte para o paiz natal, a ocultas, e consegue o apoio de alguns alcaides venais. Em Pariz achavam-se, nessa data, membros

das famílias dos Baiães, dos Porto Carreros, Valadares, Melos, Alvins, Raimundos, Nobregas e Souzas, sobrenomes de muitos dos trovadores que se evidenciaram na corte de D. Afonso III. A sátira, escarmentando a deslealdade e as tricas entre os dois irmãos, era o ramo literário mais em voga nesse edificante período, de triste lembrança na história portuguesa.

«A influencia do lirismo do norte da França sobre as nações meridionais, como pretendem Gaston Paris e o seu discípulo Jeanroy, não se póde fixar na época provençal, quando a França meridional era incorporada violentamente na unidade monárquica. Dessa época não se encontram canções líricas em língua *d'oïl*; e Jeanroy vê-se forçado a recompô-las pelas canções portuguesas e italianas, tomando as como reflexo delas. Essas canções, de carácter objectivo ou *de toile*, do norte da França, somente se vulgarizaram no século XV, pelo meio indirecto das melodias francezas, como vemos com Jil Vicente, introduzindo uma dessas cantigas, vindas de França, no *Auto dos Quatro Tempos*, cuja melodia se encontra no cancioneiro muzical do século XV, de Barbieri.—Quando Afonso III assistia na corte de França, com os fidalgos portugueses que aí se refugiaram, conspirando contra D. Sancho II, estavam em moda as letrilhas e cançonetas em língua *d'oïl*, que eram compostas sob o influxo das *vilanelas* da Gasconha, dos refréns do Auvergne, mais conhecidos ali pelo título de *sons poitevins*. Foi esta forma, a *pastorela* franceza, que D. João de Aboim e outros fidalgos reproduziram, com certa arte, na corte de Afonso III, em Santarem e em Lisboa». (*Recap.*, pajs. 211-12).

Depois de duas citações da cultíssima romanista D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, numa das quais analisa uma téze de Jeanroy, o sábio pensador do *Sistema de Sociologia* expõe esta opinião do notavel filologo Paul Meyer:—«A poezia lirica franceza é formada por duas correntes, uma propriamente nacional, a outra *meridional*. Estas duas correntes são representadas nos nossos velhos cancioneiros francezes dos seculos XIII e XIV, e teem toda a apparencia de que as canções de fiandeiras, canções de damas, que constituíam a parte mais preciosa da nossa antiga poezia popular, nunca teria sido colijida, se o exito da poezia do meio dia não viesse pô-las em consideração. *O mesmo aconteceu em Portugal*». (România, 1876, pajs. 267).

A côrte de Afonso III padeceu o assédio de cantores erradios, quando esse rei despozou uma filha bastarda de Afonso X. «A escola trobadoresca portugueza, afastando-se, pelo artificio e prurido aristocratico, das fontes populares, ia esgotar-se na atividade banal das canções de escarneo, suscitadas pelas dissidencias politicas. O que se passava na côrte de Afonso X, de Castela, refletia-se na portugueza, nessa abundancia de *cantigas de maldizer*».

Refere alguns versos satiricos e acrescenta:—«O ciclo afonsino tocava o seu termo, quando a côrte portugueza acompanhava o recolhimento do rei, pela prolongada doença. Para rezistir ás exigencias dos seus privados e do clero, que lhe deram o trono, D. Afonso III afetou, como valetudinario, crizes de sofrimento, dizendo os documentos contemporaneos—«*que avia bem catorze (anos) que jazia em huma cama e que se nom podia levantar*». Serviu-lhe esta

situação para fazer organizar um grande cancioneiro trobadoresco, obtendo, pela sua posição especial, os cadernos das trovas que existiam por mãos dos fidalgos, nas côrtes de Castela e Aragão, e em Portugal; e isso quando, ao mesmo tempo, dava a seu filho D. Diniz uma esmerada educação literaria». E na pajina seguinte relembra:—«D. Carolina Michaelis, que estudou fundamentalmente o Cancioneiro da Ajuda, reconstituindo-o nas partes truncadas e fragmentadas pelos lugares commus, nos dois Cancioneiros de Vaticana e Colocci Brancuti, completando a série das canções, pôde, pelo estudo biografico e dados cronolojicos dêsses trovadores, determinar os ciclos aulicos a que pertencem». (*Recap.*, pajs. 228).

Está apurado que atinjam o numero de trinta os trovadores que soltaram descantes no reinado turvo do *bolonhez*.

No ciclo dionizio, de 1250 a 1290, principia a decadencia da maneira provençal de poetar. Paul Meyer assinala:—«A idade de ouro da poezia dos trovadores não foi longa: durou um seculo, pouco mais ou menos,—dos primeiros anos do seculo XII á cruzada albijense. A maior parte dos trovadores emigrou para Aragão, para Castela, para a Italia, e a poezia provençal lançou aí o seu ultimo fulgor, enquanto se extinguia lentamente nos paizes em que nasceu». (*România*, 1876, pajs. 263-265).

Os troveiros castelhanos, galaicos, andaluzes e arago-nezes cercaram D. Diniz, que os estimava e retribuia. O *lavrador* era filho de Afonso III, que se divorciara da condessa Matilde em 1261. Teve por mestre Aymeric d'Ebrard e reconhecia a superioridade intelectual de seu avô

Afonso X. Escolheu para esposa D. Izabel, filha de Pedro III, de Aragão. O prestimozo monarca deixou 138 canções. «Devia exercer espontaneamente um grande influxo literario, nessa epoca de intensa atividade mental; e, ao passo que alentava o desenvolvimento do lirismo, fundava a Universidade de Lisboa, quando a de Salamanca, criada por Afonso, *o sabio*, parecia estacionária». D. Carolina Michaelis julga por este modo o ascendente desse rei:— «Considerando como apojeu da lirica palaciana os anos de 1275 a 1280, em que o joven D. Diniz, rodeado dos melhores trovadores do tempo do seu pai, dos veteranos do avô castelhano e de alguns artistas vindos da terra do seu sogro aragonez, manifestava o excecional talento que possuia, penso que o plano do *bolonhez*, de reunir os produtos da Gaia Ciencia hispânica, tambem foi iniciado e continuado até 1325 pelo filho». (*Canc. da Ajuda*, II, pajs. 288).

A *razão de amor*, escreve o insobrepujavel critico d'As modernas idéas na literatura portugueza, era a doutrina filozofica com que os trovadores explicavam o seu sentimento afetivo e apaixonado, que vem desde Arnald de Merveil até Dante, apresentando a fórmula mística do ideal da Virjem, e a cortezanescas da Dama, que se eleva á representação allegorica das Beatrizes e Lauras. O rei D. Diniz conheceu a *doutrina do amor*, então recebida da filozofia platónica. Como determinar essa via? O *Tezoro*, de Bruneto Latini, foi conhecido em Espanha e estudado por Afonso, *o sabio*; Bruneto Latini é que comunicou a Dante, e lhe explicou, a filozofia platónica:—«Foi ele tambem o mestre do grande poeta Guido Cavalcante,

elejiaco e por vezes patetico, outras sensual, um dos mais francos modelos do circulo epicurista da Florença». (Gebhart, *A Italia mistica*, pjs. 304). Dante memorou o rei D. Diniz, na sua *Divina Comedia* (*Del Paradiso*, canto XIX), e a proteção dada por este soberano aos Templarios, garantindo-lhes os seus bens e conservando-os com o nome de Cavaleiros de Cristo, mostra-nos que ele estava no conhecimento das doutrinas do amor, até no seu aspéto místico e heterodoxo. (*Recap.*, pajs. 234).

Fala na maneira do lirismo de carater popular, «problema de um alto valor estetico», que o glorioso filologo Frederico Diez primeiramente notou. Paul Meyer assegura:—«No ponto de vista do historiador literario, esta adoção do jenero popular, que no cazo presente chega até a conservar a assonancia, é um facto interessantissimo. Revela-nos os poetas da còrte de D. Diniz, dotados de um sentimento de poezia natural, que honra o seu gòsto. Souberam alguns, de entre eles, imitar os trovadores, como o documentou Diez amplamente, mas ao mesmo tempo souberam dar prova de *uma efetiva orijinalidade*. Teem um lugar inteiramente independente na poezia da Idade Média e, se lhes não dão até hoje um maior, a culpa é dos eruditos, que se não empenharam em trazer á publicidade as suas obras». (*România*, I, pajs. 121).

Os trovistas de Leão, Castela e Aragão, empós do trespasse de D. Diniz, não cantaram mais. «E' uma verdade historica: terminado o ciclo dionizio acabou tambem a poezia provençal. Destronaram-a os *lais* bretõis».

O conde de Barcelos, filho ilejitimo de D. Diniz, montado por seu irmão Afonso IV, acantonou-se junto do rei

castelhano Afonso XI, a quem instituiu herdeiro do seu *Livro das Cantigas*. «Representaria esse *Livro* a realização do pensamento, iniciado no *Cancioneiro da Ajuda*, sob D. Afonso III, organizando em um corpo systemático o Grande Cancioneiro Galecio-Portuguez, de que se dispersaram fragmentos por Espanha e Italia?».

Esse cancioneiro é assim recomposto por Teófilo:

- I { *Cantares de amor* (Gram mestria)
 Cantigas de amigo (Mestria menor)

- II { *Cantigas de maldizer e de escarnho*
 Coplas de burlas e joguetes certos

- III { *Cantigas sagrais* (Marial e santoral)

As 2.019 canções, que possuímos,—descontando as 310 canções repetidas—, são uma parte das composições líricas que andaram esparsas nas seguintes coleções de que ha apenas noticia e nas que se conservam:

I.—PEQUENOS CANCEINEIROS INDIVIDUAIS:

Livro dos Sons, do Dayam de Cales.

Os cadernos, de Afonso Eanes de Coton.

Cantares, de Lourenço Jogral, de Picandon, etc.

II.—LIVRO DAS TROVAS DE EL REI D. AFONSO:

Cancioneiro da Ajuda.

Il Libro di Portoghesi.

Codice, de Bembo.

Codice limozino.

Libro spagnuolo di romanze.

III.—LIVRO DAS TROVAS DE EL REI D. DINIZ.

IV.—LIVRO DAS CANTIGAS DO CONDE DE BARCELOS.

Cancioneiro da Biblioteca do Vaticano.

Cantigas, Serranas e Dizeres Portuguezes, de D.

Mecia de Cisneros.

Cancioneiro, de um grande de Espanha (dos duques do Infantado, segundo Sarmiento ?).

Cancioneiro, apografo, de Anjelo Colocci.

V.—CANTIGAS DE SANTA MARIA:

Milagres de Nossa Senhora ⁽¹⁾

Os cancioneiros da *Ajuda*, da *Vaticana*, *Colocci* e *Cantigas de Santa Maria* concretizam, no dizer do marquez de Valmar,—«singularissimos monumentos romanicos,—são a revelação de uma lingua e de uma literatura». Diez, no estudo *Sobre a antiga poezia artistica cortezanesca portugueza*,

(1) *Recap.*, pajs. 2,6-7.

acentúa :—«Os seus ultimos cultores (da poezia provençal) procuram nacionaliza-la, aproximando a nova arte dos jeneros e da maneira indijena do povo. D'aí a predileção pelo *refren*, a *fôrma dialogistica* e, o que é da maxima importancia, a imitação do estilo vulgar. D'aí tambem a renúncia a pensamentos peregrinos e a todas as especies que não tivessem correspondido a qualquer realidade na vida da nação».

Vamos familiarizar nos com o ciclo post dionizio. «As duas côrtes, de Portugal e de Castela, afastadas por dissensões de familia, congraçaram-se intimamente, depois da estrondoza vitoria do Salado, em 1340. O encontro dos cavaleiros portuguezes com os poetas castelhanos e leonezes, nesse momento de um perigo comum e de heroismo, teve uma ação carateristica na poezia palaciana. A epopéa castelhana, que se elaborara no predomínio da legislação foral sobre o código vizigotico, e «buscou naturalmente os seus herois, não entre os monarcas leonezes, mas entre os grandes vassallos rebeldes, turbulentos ou díscolos de Burgos» (Menendez y Pelayo, *Antolojia*, XI, pajs. 177), era, pela influencia portugueza, composta sobre o grande facto *historico* da batalha do Salado, ganha pela liga passageira dos Estados cristãos dissidentes. [D. Afonso IV, pelo seu dezinteresse dos despojos da campanha, tornou-se o exemplar do heroi». (*Recap.*, pajs 253).

Afonso Jiraldes narrou num poema o *Sucesso da Batalha do Salado*, hoje desconhecido. Rodrigo Yanes, que entrara no referido recontro, ideou uma *Cronica em coplas de redondilhas de Alfonso Onceno*, que foi deparada manuscrita, em 1863, na biblioteca do Escorial. «A lingua portugueza

estava, no seculo XIV, no estado a que só nos fins do seculo XV chegaram os romances populares castelhanos. O poema de Rodrigo Yanes está cheio de *portuguezismos*; versos errados na metrificação e na rima ficam perfeitos, restituindo-os á forma portugueza. O professor de filolojia romanica dr. Julio Cornu chegou á conclusão, pelo exame linguistico, de que o poema de Alfonso Onceno conservava os vestijios de um orijinal portuguez».

O conhecimento direto das fições bretãs, escreve o autor de *Sá de Miranda e a escola italiana*, deu se no primeiro quartel do seculo XIV, nesse periodo de sincrismo, em que as jestas francas se convertiam em cronicas historicas e as narrativas poeticas eram *prozificadas*. O conde de Barcelos, no seu Nobiliario, tit. II, segue a *Historia Britonum*, de Geoffroy de Monmouth; a jenealogia do rei Artur é conforme os poemas da Tavola Redonda, citando como individualidades reais *Lançarote do Lago*, *Galvan* (Gauvain), a ilha de Avalon (*Islavalon*); seguindo o *Roman de Brut*, descreve as aventuras trajicas do rei Lear (Leyr) e do profeta ou bardo *Merlin*.—Esboçando estas correntes tradicionais, chegámos ao fenomeno capital da formação da novela portugueza do *Amadis de Gaula*, que tão profundamente atuou na literatura novelesca da Europa até ao seculo XVII.

O inegualavel interpretador do *Cancioneiro da Vaticana* desenvolve uma estupenda erudição para comprovar que a novela *Amadis de Gaula* se produziu no tempo de D. Diniz. E, após esta irrespondivel argumentação, infere:— «A publicação do Cancioneiro Colocci, em 1880, trouxe, sob os n.ºs 230 e 232, dois fragmentos de uma canção de

João Lobeira, que são um documento decisivo para demonstrar a origem portugueza do *Amadis de Gaula* e dar realidade a um certo numero de tradições ácerca desta novela cavalheiresca». Garcil Ordoñez Montalvo enjendrou uma desmarcação frazista sobre o *Amadis*, confessando «a existencia de uma redação primitiva na sigla da *emenda por ordem do principe D. Afonso de Portugal*, no epizodio dos amores de Briolanja». A primeira redação do *Amadis de Gaula*, que se constata no Cancioneiro de Baena, compunha-se de *tres livros*; seriam estes escritos pelo trovador João Lobeira, cabendo o *quarto* á transformação do seu filho Vasco de Lobeira.

Os criticos espanhois Milá y Fontanals e Menendez y Pelayo concordaram a respeito da prioridade do testo portuguez do *Amadis*, por Vasco de Lobeira. Mas o professor Gottfried Baist pretendeu contraditar essa prioridade, que tem uma patrocinadora na autoridade incontestavel de D. Carolina Michaelis. Teofilo, encerrando este debate secular, certifica:—«Todas as negativas de Baist e laboriozas conciliações de D. Carolina Michaelis recebem uma nova luz, diante da existencia de um João de Lobeira, pai de Vasco de Lobeira, cujo testamento é datado de 1386, colocando nos assim, no seculo XIV, a simultaneidade dos *laís* liricos com as narrativas novelescas.—Quando se tornava difficil coordenar estes dois elementos, o cronologico e o artistico, foram achados, em Elvas, valiozos documentos, que autenticam a individualidade de João de Lobeira e de seu filho Vasco de Lobeira; coube essa gloria aos perseverantes esforços do grande folklorista da provincia do Alentejo, o nosso amigo

Antonio Tomaz Pires». (*Recap.*, pajs. 291-292). Esse «feliz achado» foi comunicado ao infatigável arquiteto da Civilização Portuguesa em 24 de novembro de 1903.

O injente crítico disserta, de pajs. 299 a 346 da *Recap. da Hist. da Lit. Portug.*, sobre a origem portuguesa do *Amadis de Gaula*. E'-nos impossível resumir essa infinita soma de pormenores,—com bastante pezar o dizemos. A exposição do atraente problema de historia literaria inicia-se na *lenda ajiologica*. «A tendencia para a personificação fez que muitas palavras qualificativas se convertessem em entidades: é uma das bases da lelegendogonia. Assim a palavra *lonke*, a lança, tornou-se a individualidade de *Longuinhos*; o designativo *vera icon*, estampado no sudario, antropomorfizou-se em *Veronica*». *Amatos* foi concretizado por S. Jeronimo, como sendo um discipulo do eremita Antão. O ciclo do Santo Graal não é senão o desdobramento epico novelesco do evangelho apocrifo de Nicodemus. «Quando começaram a elaborar-se os *laïs* narrativos ou poemas sobre o *Amadis*? Póde determinar-se essa data por um processo negativo: é de 1170 a celebre canção de Guerau de Cabrera, que enumera todos os poemas que andavam na transmissão oral, do ciclo carlinjio e da Tavola Redonda, da mitolojia classica e da biblia, e, entre essas preciosas referencias, nada se encontra aluzivo ao *Amadis*. Aí se apontam, contudo, *Tristan e Lancelot*, que animariam o tema novo—que ia ser elaborado em *laïs* narrativos. Nos fins do seculo XII é que se espalham as *Chansons de toile* sobre o *Amadis*». (*Recap.*, pajs. 305).

Na segunda faze, a dos *laïs narrativos*, citam-se o poema francez *Amadas et Ydoine*, a cantilena ingleza *Sir Amadace*, o

Donat des Amants, o *Confessio Amantis*, de Gower, o laí britânico *Emare*, o *Rejimento de Principes*, de Guido de Coluna.

A terceira faze trata da *novela ciclica prozaica*. «Nas redações em proza, que se sucederam, tanto pela corrente ciclica como pelo gosto do tempo, os inumeros epizodios, as historias jenealogicas e os longos discursos fazem esquecer o simples trama, não deixando destrinçar as relações com o testo poetico orijinario d'onde proveiu». No Nobiliario do conde D. Pedro vê-se que o nome de *Oriana* é uzado pela fidalguia luzitana, o que afirma a preponderancia beletristica do *Amadis* em Portugal, no começo do seculo XIV. O *Amadis* era tão popular em Espanha que foi motivo dos pintores dêsse paiz, no seculo XV.

Historiam se depois a primeira redação portugueza do *Amadis* (de João Lobeira), a segunda (de Vasco de Lobeira), a terceira (de Pedro Lobeira) e quarta (*parafrastica*, do castelhano Garci Ordoñez de Montalvo).

João de Barros, no livro *Antiquidades e couzas notaveis de Antre Douro e Minho*, inscreveu: —«E d'aqui (do Porto) foi natural Vasco de Lobeira, que fez os primeiros quatro livros do *Amadis*, obra certo muito util e graciosa e aprovada de todos os galantes; mas como estas couzas se secam em nossas mãos os castelhanos lhe mudaram a linguaagem e atribuiram se a obra». O filho do poeta e dramaturgo quinhentista Antonio Ferreira, em 1589, afiançava a existencia da «historia do *Amadis de Gaula*, por Vasco de Lobeira, cujo orijinal anda na Caza de Aveiro».

Pela corrente jeral das literaturas modernas, conclue Teofilo, determina-se tambem a orijem portugueza do

Amadis de Gaula. Enquanto as epopéas francezas eram assimiladas pelas literaturas romanicas, a Espanha elaborava ativamente as suas epopéas nacionais historicas. A Italia fez o sincretismo das jestas carlinjias, nos *Reali di Francia*, *Buovo d'Antona*, *Spagna* e *Regina Ancroja*, chegando ás belas fórmas artisticas de Pulci, Boiardo e Ariosto. Portugal identificou-se com o sentimento das novelas amorozas e de aventuras do ciclo arturiano da Tavola Redonda—e fez a sintheze estetica do *Amadis de Gaula*, com que exerceu nas literaturas modernas uma plena hejemonia». (*Recap.*, pajs. 346).

Discerne, a seguir, sobre a—cultura latino-eclleziastica, capitulo que se divide em *Os estudos quadriviais*, subdividido em *Filozofia e teolojia* e *As tradições latinas*, e *O poder real protege o Humanismo*, compreendendo *Fontes poeticas da antiguidade classica*, *Fundação da Universidade de Lisboa*, *Nobiliarios* e *Cronicas e Relações historicas*. Dêste manancial inesgotavel extrairemos somente o que mais de perto atine á ação mental portugueza.

A cultura teolojica, ensina o Mestre, dejenerava na dialetica, criando as rivalidades das Escolas: dominicanos e franciscanos, aos quais os papas confiaram o ensino da teolojia, eram inconciliaveis no seu antagonismo doutrinario, seguindo embora a filozofia de Aristoteles. Os dominicanos eram tomistas, porque S. Tomaz conciliara os processos criticos dos nominalistas com a teolojia especulativa; os franciscanos entregavam se ao subjetivismo dos realistas, defendendo as opiniões de Alexandre de Halés, porque lhes autorizava os devaneios do misticismo. Como observa Hauréau, na sua obra *Da Filozofia Escolas-*

tica:—«A paixão do seculo XIII é a filozofia; os chefes dos partidos belijerantes são comentadores de Aristoteles; os problemas, cuja solução ajita as consciencias, pertencem ao dominio das couzas abstratas». Estas duas correntes, conforme se lê na *Historia da Universidade de Coimbra*, foram superiormente representadas por portuguezes, fóra de Portugal: a tomista, pelo afamado Pedro Hispano (o papa João XXI, no mundo profano Pedro Julião), e a mística por Santo Antonio de Lisboa (Fernando Martins de Bulhões), que professou em Montpellier, Pádua e Tolosa.

Já numerosos portuguezes se haviam notabilizado nas Universidades italianas e francezas, quando o rei D. Diniz instalou, em 1291, a Universidade de Lisboa, que só em 1537 D. João III transferiu definitivamente para Coimbra. «A influencia das Escolas Arabes é considerada, por J. J. Ampère, como uma primeira Renascença. Os que tinham frequentado essas Escolas eram procurados individualmente e, em volta da sua *catedra*, num lugar izolado, agrupavam-se os espiritos sequiozos de saber. A organização das Universidades foi o reconhecimento dêste novo modo de ensino, de que, tanto a igreja como a realleza, trataram de se apoderar.—A este periodo da criação das Universidades, no seculo XIII, chamou Ampère a segunda Renascença. Os reis fundavam Universidades para centralizar o ensino, evitando assim que os estudiosos fossem para as Universidades estrangeiras, de Bolonha ou de Pariz».

A organização dos Livros de Linhajens, no seculo XIV, consubstanciava uma imposição social. As mais conhecidas obras jenealogicas dêsse periodo são:—o *Livro*

Velho das Linhagens, com um fragmento, publicado por D. Antonio Caetano de Souza (*Provas da Historia Jenealogica*, t. I, pajs. 145), Fragmento de Nobiliario, que andava junto ao *Cancioneiro da Ajuda*, e o Nobiliario do conde D. Pedro, que se conserva na Torre do Tombo. «Apezar das listas fatigantes dos nomes, aparecem, entremeadas, tradições maravilhozas da orijem dos solares, como da caza de Haro, dos Marinhos, as grandes prepotencias da arbitrariedade senhorial, como o incendio de castelos, o rapto e violação de mulheres, como o da decantada *Ribeirinha*—D. Maria Paes da Ribeira; a cegueira inflijida por vindita particular, a herança do crime e a vingança pessoal e o odio inveterado entre familias».

As tradições ou *Estoreas* foram transvertidas, por Fernão Lopes, em *Caronicas*. Houve então cronicas verazes e cronicas artificiais ou romantizadas. Destas vimos um bom exemplar no *Amadis*; daquelas ficaram atestados nos obituarios e dietarios dos claustros.

O surjimento subito do grande cronista Fernão Lopes, elucida o pontifice da inteletualidade portugueza, no inicio do seculo XV, e a série das Cronicas dos reis de Portugal, que apógrafos e plajiários lhe desmembraram, não se comprehende sem determinar a filiação dessas narrativas, que ele integrou em uma fórmula da historia, como a entenderam Froissart e os notaveis cronistas da sua epoca.

A Cronica mais antiga que se conhece é anonima e relata os acontecimentos desde a fundação da monarquia até D. Diniz. Depois vem a *Cronica ou relação da conquista*

do Algarve. Traduziram também a *Cronica Jeral da Espanha*, em que se lêem aluzões a Portugal.

Atinjimos o segundo periodo da primeira epoca historica da Literatura Portugueza, em que rebrilharam os *poetas palacianos* e os *cronistas* ou *historiadores*, conforme já disse.

«Os trovadores ocitanicos tinham encontrado simpatia nas cidades italianas, que constituíam pequenas repubblicas; a canção amoroza idealizava situações da vida domestica, que ia ser o tēma fundamental das literaturas modernas. Os burguezes opulentos, que transformaram algumas dessas republicas em principados, atraíam para as suas festas e palacios os troveiros que transpunham os Alpes. A poezia lirica italiana começou a ser elaborada por esta imitação e impulso social; e, quando a poezia trobadoresca se extinguiu, sob as violencias sangrentas da cruzada contra os albijenses, ou da realeza do norte contra o municipalismo do sul, esse lirismo ocitanico renascia pelo jenio italiano, que dos esbóços poeticos soube tirar as fórmulas belas, definitivas da canção, do soneto, da elejia, e insuflar-lhes o sentimento pelo idealismo platónico da Primeira Renascença e pela exaltação mistica cristã, que davam todo o relêvo á emoção do Amor». (*Recap.*, pajs., 383-84).

A poezia italiana não atuou directamente em Portugal, nesse instante,—«porque, csgotadas as fórmulas provençalescas, o jenio portuguez, pela facil assimilação, apoderou-se da corrente novelesca, que, lizonjeando lhe o espirito de aventura, o impeliu á ação historica. Nas lutas, entre Pedro Cruel e seu irmão bastardo Enrique de

Trastamara, interveiu o aventureiro bretão Bertrand Du-guesclin, dando assim ás fições bretãs uma realidade sugestiva; as relações com a corte inglesa vieram acentuar mais o interesse pelas novelas bretãs. Tudo afastava os portugueses da passividade lirica; e, conquistada Ceuta por D. João I, como a chave do imperio de Fez, seguiu se essa série de feitos na ocupação do norte da Africa, «impuzeram um sentido real e verdadeiramente historico ao espirito aventureiro, nascido das fições cavalheirescas, empreendendo-se e levando-se a cabo outras não menos afortunadas empresas». (Amador de los Rios, *Hist. crit. de la lit. esp.*, VI, pajs. 22). A exploração da costa ocidental africana e as navegações atlanticas imprimiram á sociedade portugueza uma vida em que a atividade intensa a afastava das idealizações do lirismo. De 1350 a 1445 observa-se uma grande falha na produção literaria portugueza; ainda assim a sua antiga influencia em Castela continuou-se até aos reinados de D. Juan II e Enrique IV, como o reconheceu Medendez y Pelayo ». (*Recap.*, pajs. 385 86).

Essa escassez é sanada pelo *Cancioneiro de Baena*, em que se vêem escritos de cantores que viveram de 1368 a 1406. «O facto de se encontrarem neste *Cancioneiro* versos de Vasco Pires de Camões,—terceiro avô do imperecível épico d'*Os Luziadas*—, respondendo a outros que lhe são dirigidos, define bem o espirito de revivescencia do jenio galego, nessas lutas politicas, em que Portugal e Galiza se aproximavam». O receio de absorção, que conduzia os poetas de Aragão a manter o idicma patrio nas suas produções, arredou os portugueses, politica e literariamente, de Castela, depois da vitoria de Aljubarrota (1385).

O infante D. Pedro foi admirador e amigo do poeta espanhol Juan de Mena. Por seu intermedio é que se teve notícia, em Portugal, dos literatos castelhanos. O inclito Rejente acompanhou D. João I, seu pai, á conquista de Ceuta, em 21 de agosto de 1415. Feito duque de Coimbra, no principio do ano seguinte, deu-se a trabalhosas viagens por diversas nações europeas e ao Oriente. A Senhoria de Veneza ofereceu-lhe uma cópia das *Viajens de Marco Pólo*. Poetou e possuiu uma cultura apreciavel. Desditozo—atraído por um irmão espurio, o execravel duque de Bragança, e pelo rebento dêste, conde de Barcelos, que concitaram o rancor de Afonso V contra o tio e sogro—asassinaram-o, na cilada ominosa de Alfarrobeira, em 20 de maio de 1449.

D. Pedro de Portugal, filho do grande Rejente, aos dezeseis anos comandou uma expedição, de dois mil infantes e seiscentos cavalos, a Castela, em reforço de D. Alvaro de Luna, contra Aragão. D. Pedro, durante a regencia de seu pai, rezidia nos castelos de Elvas e de Marvão, no Mestrado de Cristo, devotando-se a locubrações literarias. Afonso V, triunfante a vilania de Alfarrobeira, destituiu o primo do cargo de condestavel e entregou o Mestrado de Cristo a seu tio, o impenetravel infante D. Henrique. D. Pedro endereçou a sua irmã D. Izabel, esposa de Afonso V, uma *Satira de felice e infelice vida*, que escreveu primeiramente em portuguez; compôz tambem uma *Trajedia de la insigne rainha D. Izabel*, ofertada a seu irmão D. Jaime, que morreu em Florença, sendo cardeal-bispo de Pafos, em 1457. Do seu exilio de Castela dirijiu a seu cunhado as oitavas *Del menosprecio é contemplo de las*

cosas formozas del mundo. Afonso V, pela interferencia de sua mulher, restituiu a D. Pedro o Mestrado de Cristo. O joven condestavel acompanhcou o *Africano* a Ceuta, em 1463. Mas os fados eram adversos ao nobre descendente da vittima do primeiro duque de Bragança. Uma deputação de catalães, em 1464, ofereceu lhe o principado e a corôa de Aragão. D. Pedro aceitou, partiu para Barcelona e, ao aportar ali, entrou em combate com o principe Fernando, sendo vencido. Internou se na Catalunha, falecendo em 1469, com 40 anos. Na sua biblioteca, formada por 69 volumes, contavam-se obras classicas, poemas italianos e francezes e tratados de moralistas. É uma das mais simpaticas e distintas figuras do seu seculo.

«O desenvolvimento da poezia palaciana seria um fact i inexplicavel, se a criação definitiva do poder monarchico não reduzisse a aristocracia a uma posição subalterna e parazita. Deu se este fenomeno social no tipo da monarchia franceza, que prevaleceu em Espanha e Portugal. Depois de atacada a nobreza no seu fôro, primeiramente pelo estabelecimento dos *Livros de Linhajens*, em seguida pela adoção de um *Codigo* ou Ordenação comum; atacada, na sua parte vital, a propriedade, pela *revogabilidade das doações réjias*, pela necessidade das *confirmações jerais* e ainda por essa fição romana—a *enfiteuze*; reduzida á inatividade, por ter acabado a reconquista sobre o poder muçulmano; e privada da ação individual, porque a sua justiça arbitraria tomára um carater absoluto na instituição do *ministerio publico*,—nestas condições em que se occuparia a nobreza? Esgotada nas revóltas contra o poder real, ou lutando pelo favoritismo, acercou-se do rei, fez-se pala

ciana, inventou festas, torneios, divizas, brazões e, para encher os ocios tediosos dos serões do paço, fez-se também poeta». (*Recap.*, pajs. 405-06).

O *Cancioneiro Jeral*, compilado por Garcia de Rezende e publicado em 1516, reúne uma boa parte das poezias da fidalguia luzitana do século XV, alegando o obezo rebuscador que muitas composições se perderam, por se haverem os seus autores espalhado pelo orbe. «Os dezastres da invazão castelhana no tempo de D. Fernando, a que succedeu, sob D. João I, o triunfo de Aljubarrota, a empreza guerreira no norte da Africa, iniciada pela conquista de Ceuta, as desgraças da còrte do rei D. Duarte, que não pôde libertar seu irmão D. Fernando, morto no cativoeiro, em Fez, o assassinato do infante D. Pedro, em Alfarrobeira, e a morte misterioza dos seus filhos D. Izabel, espoza de Afonso V, e D. João, rei de Chipre; a perseguição contra o condestavel D. Pedro e contra seu irmão D. Jaime dão nos um quadro bem sombrio, para fundamentar o descuido por essas *muitas couzas de folgar e jentilezas*, a que alude Rezende». — «Para empreender a compilação do *Cancioneiro Jeral* achava-se Garcia de Rezende numa situação privilegiada; entrára muito criança, para moço da camara de D. João II, que começou a reinar em 1481. Brilhava a poezia palaciana na còrte dos reis catholicos; a grande importancia que ele via dar no paço á poezia, que formava a parte mais interessante dos serões, levou Garcia de Rezende a cultivar também a poezia, e a sabe-la julgar. O seu talento de muzico e dezenhador deu-lhe a simpatia do monarca. D. João II confessara-lhe que a poezia era uma *singular manha*». (*Recap.*, pajs. 407-08).

A coletanea portugueza encerra composições de trezentos e cinquenta e um fidalgos. O *Cancioneiro* junta principalmente versos liricos, trazendo alguns epizodios satiricos. Praticam-se as *voltas*, *vilancetes*, *esparsas*, *apôdos*, *canções* e *endeixas*.

Ha, afóra o *Cancioneiro Jeral*, numerozos *cancioneiros* particulares, como o *Livro das Trovas de el rei D. Duarte*, o *Cancioneiro Portuguez*, o *Cancioneiro Portuguez da Biblioteca de Madrid*, o *Cancioneiro do abade D. Martinho*, o *Cancioneiro de D. Francisco Coutinho*, conde de Marialva, o *Cancioneiro do doutor Gualter Antunes*, etc. « Dos *cancioneiros* *trobadores* cos portuguezes até ao *Cancioneiro Jeral*, de Garcia de Rezende, vai um grande hiato, um vácuo, que em parte póde ser preenchido pela enumeração dos poetas portuguezes que figuram nos vastos *cancioneiros* espanhóis, e pela soma espantosa de *motes velhos*, *cantigas*, *esparsas* e *dizeres*, que passaram para a jeração *quinhentista*, e que lhe suscitarão a delicada sentimentalidade, ou sustentando a resistencia dos poetas da *medida ve'ha* ».

Nesta altura entra na líça o elemento popular, tranzitando as classes servas para um terceiro estado e incorporando-se entre os poderes da nação. « O nome de *romance*, que para os eruditos significava a linguagem vulgar, designava os cantares *sin regla*, *ni cuento*, deprimidos por Santillana; o povo, que conservava oralmente o seu *tezouro* tradicional, denominava-os de *aravias* ».

As *novelas* de cavalaria,—explica Teofilo—, com os seus sentimentos fiticios, penetraram nos costumes da sociedade portugueza, aparecendo empregados na aristocracia, como nomes civís, os dos principais heroís dos poe-

mas arturianos. Percorrendo os documentos do século XV, acham-se no onomástico usual D. Izeu Perestrelo, D. Izeu Pacheco de Lima; são vulgares os nomes de *Jenebra*, *Oriana* e *Viviana*; figuram *Tristão Teixeira*, *Tristão Fogaça*, *Tristão da Silva*; *Lançarote Teixeira*, *Lançarote de Melo*, *Lançarote de Seixas*, *Lançarote Fuas*; *Lizuarte de Andrade*, *Lizuarte de Liz*; *Percival Machado*; *Artur de Brito*, *Artur da Cunha*. Os *Votos Denodados* e as aventuras galantes da *Ala dos Namorados*, dos cavaleiros da *Madre Silva* e dos *Doze de Inglaterra* resultam de uma moda cortezanesca, estimulada pelo jenero literario dominante.—O ciclo da Tavola Redonda abranjeu as tradições britônicas da luta contra a invasão dos saxões, sendo o rei Artur o heroi em que incarnara toda essa rezistencia e a inextinguivel esperança de ressurjimento e triunfo.

As bibliotecas de então sobresaíam pelas iluminuras e encadernações. O custo dos livros era exorbitante e só os monarcas e os principes podiam adquiri-los. Sabe-se que a livraria do rei D. Duarte primava pela seleção das obras que a compunham. Os livros do celebre doutor Manganha eram tambem de subido valor, e as estantes do condestavel D. Pedro e de Afonso V citam-se como das melhores do tempo. Os copistas exerciam a função em que os substituiu o invento da imprensa, realizado em 1456. Esta prestantissima arte foi introduzida, em Portugal, no ano de 1465. Os seus trabalhos esplendidos tiveram o patrocínio da rainha D. Leonor, espoza de D. João II, a filantropica instaladora das Mizericordias portuguezas, que apreciou o lavrante Jil Vicente, cinzelador da preciosa custodia dos Jeronimos, e incentivou o seu homonimo,

professor de retorica de D. Manoel I,—o jenial criador do teatro luzonio, que Erasmo admirou.

«Os livros filozoficos desta epoca teem o carater de compilações enciclopedicas, prevalecendo sempre o dogmatismo moral sobre as suas concluzões; destas obras, escritas em portuguez no seculo XV, apenas se acha impresso o *Leal Conselheiro*, do rei D. Duarte; a *Virtuosa Benfeitoria*, do infante D. Pedro, e a *Côrte Imperial* jazem inéditas na biblioteca municipal do Porto e na da Academia real das Ciencias». (*Recap.*, pajs. 470). Pelo ultimo volume referido, da feitura de D. Duarte,—«póde saber-se o estado do conhecimento dos livros arabes em Portugal, numa epoca em que nos paizes mais civilizados da Europa eram desconhecidos». Cabe ainda a este proficiente dinasta uma nova codificação de leis, chamadas *Ordenações de D. Duarte*. Os jurisconsultos que se encarregaram de codificar as leis portuguezas, como João Mendes Cavaleiro, a mandado de D. João I, e Rui Fernandes, por ordem de D. Duarte e D. Afonso V, foram inegaveis tipos representativos da cultura humanista, no seu tempo.

«Apezar do exajerado respeito pelos latinistas estrangeiros, é no século XV que aparecem os grandes historiadores portuguezes, escrevendo na lingua nacional, com um admiravel relêvo pinturesco e com um elevado bom senso. A redação portugueza julgar-se-ia então provizoria, sendo destinada á amplificação do latim ciceroniano, como se póde inferir da despreocupaçào do estilo em Fernão Lopes, e dos variados plájios que dêste cronista fizeram outros que lhe sucederam. A fundação de um Arquivo Nacional (Torre do Tombo), e a criação do cargo

de *cronista do reino*, inerente aos guardas dêsse Arquivo, atuaram diretamente sobre o desenvolvimento da forma histórica, determinando as capacidades de Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara e Rui de Pinaz. (*Recap.*, pajs. 480).

Antes dessas crônicas, que podem capitular-se de oficiais, elaboraram-se a *Cronica da fundação do mosteiro de S. Vicente*, a *Vida de D. Telo*, a *Cronica do Condestabre*, sobre D. Nuno Alvares Pereira, e a *Cronica do santo e virtuozo infante D. Fernando*, o martir dos berberes, o abnegado refém, que, em holocausto á patria, se deixou morrer lentamente, num pútrido ergástulo de Fez.

D. Duarte, em 19 de março de 1434, tracejou a Fernão Lopes a incumbencia «de poer em *caronica* as *estoreas* dos reis que antigamente em Portugal foram». O imorredouro cronista refere-se á *Torre alvarã* ou do *aver*, levantada para se guardar o erario dos reis. Depozitaram-se ali, já no reinado de D. Fernando, os livros das chancelarias. Esse edificio intitulava-se Torre de Menajem do Castelo de Lisboa, e d'aqui promana o nome de Torre do Tombo (tômo). Em 1403 separou-se o cargo de tezoureiro do de arquivista. Fernão Lopes tomou posse, em outubro de 1418, dessa função, exercendo-a trinta e seis anos e indijitando para o substituir Gomes Eanes de Azurara.

O fundador da Historia em Portugal, — «pelo realismo das suas narrativas, destacando-se pelo bom senso das tradições poeticas, mas conservando-lhes o sentido do etos nacional, é comparavel a Herodoto e a quantos seguiram esta forma injenua e pinturesca da objetividade das pessoas e dramatização dos factos anedoticos, pondo-

se a par de Froissart e de Joinville». Fernão Lopes escreveu a *Cronica geral do reino*, mas este inapreciavel trabalho sumiu se, havendo apenas, como da autoria do immortal narrador, as *Cronicas de D. Pedro I*, de *D. Fernando* e de *D. João I*, esta incompleta.

«Damião de Goes, na *Cronica de D. Manoel*, restituiu, pela primeira vez, por um processo critico, a Fernão Lopes, desde o conde D. Henrique até Afonso IV, as cronicas «dos reis que antigamente em Portugal foram». Confirmando, a autoridade de Damião de Goes escreve ácerca dêstes plájios:—«E ainda que algumas destas *cronicas* se acham acrescentadas ou recopiladas, como são a de D. Afonso Henriques, por Duarte Galvão, (a quem o grande João de Barros, na terceira *Decada*, livro I, cap. 4, chama seu *apurador*), a de D. Duarte, por Gomes Eanes ou Rui de Pina, as dos nove reis, por Duarte Nunes de Leão, —sempre as substancias e o principal delas é de Fernão Lopes».

Azurara aprontou a *Tomada de Ceuta*, as *Cronicas de D. Pedro de Menezes* e de *D. Duarte*, seu filho, a *Cronica de D. Afonso V* e a *Cronica da Conquista da Guiné*.—Rui de Pina fez as *Cronicas de D. Afonso V* e de seu filho, o principe D. João, (mais tarde João II), de D. Manoel, de D. Duarte e de D. Sancho I até D. Diniz.

«A Literatura da Idade Média, tão fecunda e nacionalmente orijinal, foi uma das mais truncadas, ficando totalmente ignorada até ao momento em que a critica filozofica vivificou a erudição moderna. Grandes tezouros literarios estão hoje perdidos irremediavelmente; obras preciozas e inestimaveis foram descobertas, nas coleções ma-

nuscritas, pelas bibliotecas européas,—e um espolio valioso está atualmente publicado».

Desta digressão, imiscuido em meandros escabrosos, através de uma epoca ainda não inteiramente aclarada, tirei dois proveitos: —um, o de me embrenhar nas idades mortas, que tantas lições nos ministram, e outro, decerto mais agradável,—o de conversar alguns quartos de hora com um auditorio gentil e seletto. Ha incidentes, não o nego, um pouco aridos, um tudo-nada agrestes, nestas indagações. Mas, em compensação, este relance pelo passado enrija-nos para os prélios do presente e do porvir, impellido nos a crer e confiar na marcha ininterruptamente progressiva dos seres humanos, propulsores conscientes e positivos da civilização.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

